

Painel V • Música, política, identidades

Isabel Pina

“Eu quero conservar a minha faculdade individual de opção’: Fernando Lopes-Graça entre polémicas, silêncios e sinfonias”

Fernando Lopes-Graça ficou eternizado como figura singular, contestatária, em constante busca pela modernidade e, através desta, de luta pela afirmação da sua individualidade estética e ideológica. Simultaneamente, Lopes-Graça reconhece como contributo para a consolidação dessa individualidade o papel inegável de mestres que o acompanharam em vários momentos. Um deles, Luís de Freitas Branco, surge, nas relações próximas de Fernando Lopes-Graça, como paradigma dessa tensão entre a referência ou influência e a identidade própria. Se numa fase beneficia mais directamente dessa ligação, inserindo-se desse modo em determinados círculos e contextos, Lopes-Graça parece não hesitar na contestação directa e pública de ideias do mestre, quer nos textos que publica na *Seara Nova*, quer na sua própria actividade como compositor – ainda que pontual – de música sinfónica. Todavia, num percurso tão longo, multifacetado e opinativo, assuntos ficaram por debater e obras de Freitas Branco ficaram por criticar – ainda que o afastamento do que chama de “clã Freitas Branco” fosse notório, Fernando Lopes-Graça confessa, em privado, que talvez um desacordo assumido pudesse deteriorar a imagem que tanto lhe custara a construir. A presente comunicação pretende, portanto, explorar o modo como um dos mais reconhecidos alunos de um dos mais aclamados mestres reagiu à influência de quem, segundo alguns, foi um “colosso” na vida musical portuguesa do século XX.

nota biográfica

Isabel Pina é doutoranda em Ciências Musicais Históricas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Interessa-se sobretudo pelo estudo da história da música em Portugal nos séculos XIX e XX, música e ideologia, nacionalismo, neoclassicismo, análise musical, imprensa periódica, temas em torno dos quais tem vindo a publicar e a participar em diversos congressos nacionais e internacionais. Terminou a sua tese de mestrado em Musicologia Histórica em 2016, com a dissertação “Neoclassicismo, nacionalismo e latinidade em Luís de Freitas Branco, entre as décadas de 1910 e 1930”, e desenvolve actualmente investigação sobre a posteridade de Luís de Freitas Branco e o conceito de escola de composição, sobretudo a partir da sua influência junto de Fernando Lopes-Graça e Joly Braga Santos. É investigadora no CESEM, onde é membro do GTCC, colaboradora do SociMus e uma das fundadoras e coordenadoras do NEMI.

Luís M. Santos

“Os concertos sinfónicos da Orquestra Portuguesa no Teatro do Ginásio (1925-1930): música e política em Lisboa nos anos da Ditadura Militar”

Entre as várias séries de concertos sinfónicos que surgiram em Lisboa nas décadas de 1910 e 1920, destacou-se aquela organizada no Teatro Politeama, dirigida por Joaquim Fernandes Fão entre 1920 e 1925, data em que o agrupamento rompeu com a empresa daquele teatro e se transferiu para o novo Teatro do Ginásio, que o acolheria até 1930. Depois de, na viragem para os anos 20, a vida concertística lisboeta ter assistido a uma nova vaga de florescimento, a partir de meados da década a adesão do público começaria a retrair-se, devido a um conjunto de factores. Nesse contexto, a actividade sinfónica não deixou de estar envolvida — como sucedia desde o início da República — com o conturbado processo político que o país atravessava. É precisamente esse quadro que esta comunicação se propõe abordar, considerando o caso dos concertos sinfónicos do Teatro do Ginásio no período que medeia entre as vésperas do golpe de 28 de Maio de 1926 e o termo dessa década, e dando ênfase em particular às relações que é possível identificar com o domínio político-ideológico, no sentido de avaliar o modo como a actividade sinfónica em causa se constituía também como modo de legitimação de determinadas posições nesse campo.

nota biográfica

Luís M. Santos é doutorando em Ciências Musicais Históricas na NOVA FCSH, tendo usufruído de uma Bolsa de Doutoramento concedida pela FCT. A sua dissertação, orientada por Paulo Ferreira de Castro, debruça-se sobre a música sinfónica em Lisboa no período entre 1910 e 1933. Realizou o Curso de Piano no Conservatório Nacional (2006), e na NOVA FCSH obteve a Licenciatura em Ciências Musicais (2007), bem como o Mestrado em Musicologia Histórica (2010). Desde 2007, é investigador Colaborador do CESEM (NOVA FCSH), no âmbito do qual foi Bolseiro de Investigação (2007-2010), integrando actualmente o Grupo de Investigação em Teoria Crítica e Comunicação. Foi distinguido com o Prémio Joaquim de Vasconcelos 2016 pela SPIM. Colabora regularmente, desde 2010, com a Casa da Música, o Teatro Nacional de S. Carlos e a Fundação Calouste Gulbenkian na redacção de textos musicológicos. Desde 2013, tem colaborado também enquanto docente convidado com o Departamento de Ciências Musicais da NOVA FCSH.

Ana Sofia Malheiro

“Olhares de Maria Helena de Freitas sobre a vida musical lisboeta da década de 80”

A exposição parte da análise de algumas contribuições de Maria Helena de Freitas para o Diário Popular, periódico lisboeta no qual concentrou a sua escrita especializada ao longo da década de 1980. Esta recolha foi feita no contexto do projeto Música, Media e Públicos 1974-2010, inserido no CESEM - SociMus, cujo âmbito se enquadra também na discussão dos anos 80, dado o interesse partilhado entre os pares. A escolha da figura de Maria Helena de Freitas, que se apresenta, agora, como cerne da questão, deve-se ao facto de, entre as suas críticas, residirem reflexões sobre diversas problemáticas inerentes ao período pós-revolução, tal como a dependência mecenática, o papel estatal na promoção cultural, a carência de um ensino musical estruturado ou a importância da democratização e descentralização artística, tudo isto numa década em que o ímpeto para um acesso à cultura mais generalizado se mostrava efervescente. Deste modo, apresentar-se-á uma série de pontos-chave, momentos nos quais se denota uma reconfiguração de paradigmas, traçando-se, em paralelo, o perfil crítico desta importante personalidade, ainda referência nos meandros comunicacionais da cultura da música erudita nacional, tanto no formato escrito, quanto na conceção radiofónica.

nota biográfica

Natural de Guimarães, Ana Sofia Malheiro completou o Ensino Artístico Especializado em Música na classe de piano e canto no Conservatório da cidade. Encontra-se atualmente no último ano da Licenciatura em Ciências Musicais na NOVA FCSH, percurso pelo qual já foi galardoada com quatro bolsas de mérito — duas Bolsa *Santander Futuro*, uma *Nova Talent Awards* e uma Bolsa de Mérito de Câmara de Braga —, além de uma bolsa de Iniciação à Investigação promovida pela FCT e pelo CESEM. Os seus principais interesses prendem-se na escrita sobre música, a qual interliga com papéis sociais e de género, pertencendo ao núcleo do NEGEM, integrado no GTCC do CESEM. É também membro fundador do projeto Cluster de Ciências Musicais e estagiária na Revista de Música *Glosas/MPMP*.

